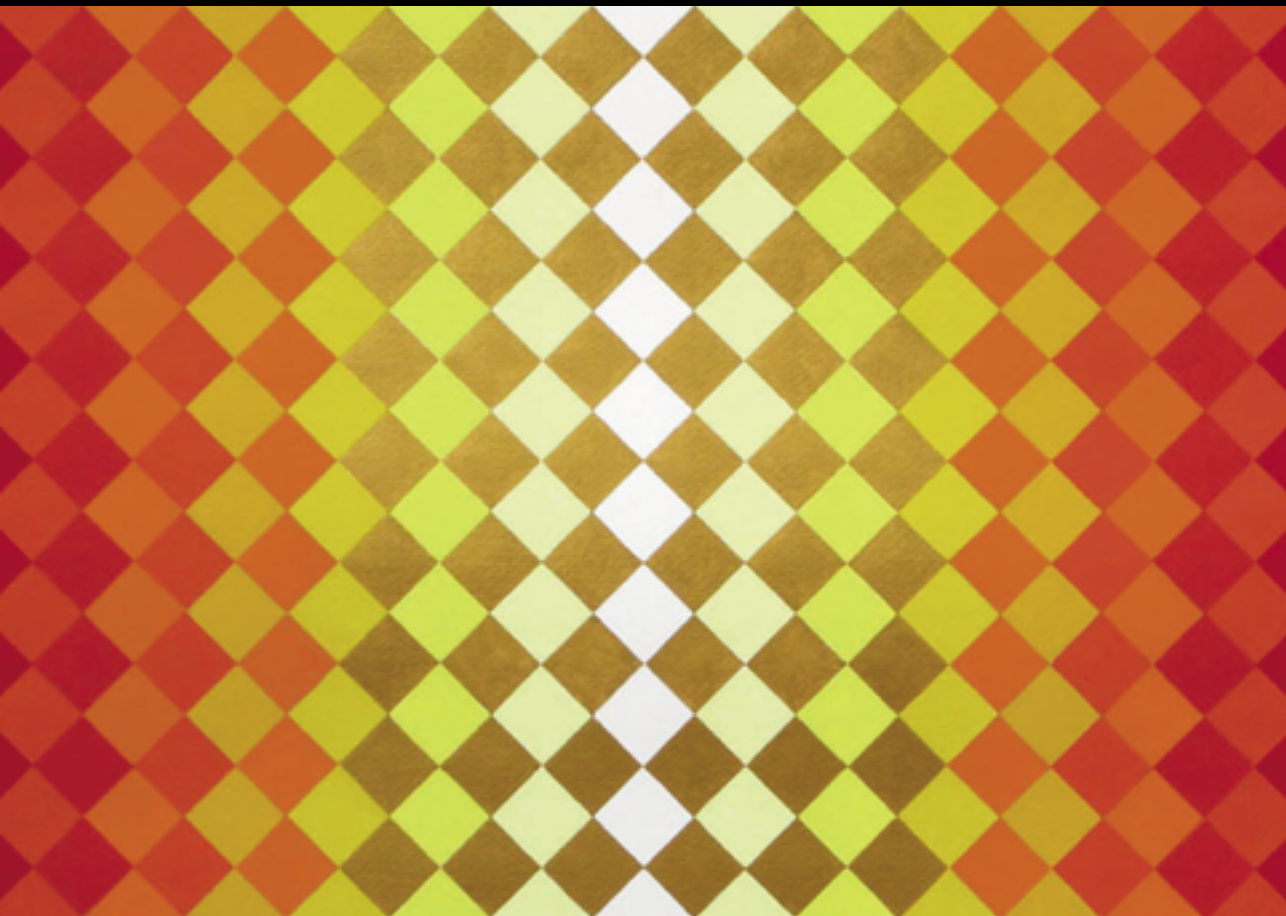


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



A RELÍQUIA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021 Carlos Reis, Maria Eduarda Borges dos Santos e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: A Relíquia

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Série «Cor-luz», 2008,
da autoria de Eduardo Nery
guache sobre papel;
56,5 cm × 74 cm;
coleção do autor

Data de impressão: dezembro de 2021

ISBN: 978-972-27-2943-7

Depósito legal: 487 153/21

Edição n.º 1024846

EÇA DE QUEIROZ

A RELIQUIA

Sobre a nudez forte da Ver-
dade — o manto diaphano da
Phantasia.

PORTO

TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Castello Velha, 59

1887

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Não-póstumos

A Relíquia

Sobre a nudez forte
da Verdade — o manto
diáfano da Fantasia.

Edição de
Carlos Reis
e Maria Eduarda Borges dos Santos

Imprensa Nacional
2021

Nota prefacial

A edição crítica d'*A Relíquia* que agora se publica integra-se numa série editorial que chega ao seu 20.º volume. A presente publicação é, então, o resultado parcial de um projeto de investigação designado como Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, projeto desenvolvido desde há quase três décadas, com a colaboração de alguns dos mais destacados estudiosos em matéria queirosiana; trata-se, como é sabido, de rever e de fixar o cânone textual queirosiano, objeto de percalços vários, desde o tempo de Eça e por razões que os títulos já publicados têm procurado esclarecer. Para além disso, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós propõe-se fazer a história de cada texto, entendida como contributo decisivo para incutir segurança e fundamento àquela revisão.

O romance *A Relíquia*, publicado pela primeira vez em 1887, ocupa um lugar singular na produção literária queirosiana. Estamos perante uma obra que se situa na linha da literatura e do pensamento anticlericais, muito férteis no século XIX, e que diretamente se relaciona com as resistências e com as contradições que a laicização da vida pública portuguesa enfrentou, desde o advento do Liberalismo. Por isso, a história do texto, no caso d'*A Relíquia*, não pode deixar de contemplar esta que é uma questão com larga tradição na cultura portuguesa.

O relato em que Eça quis pôr «o manto diáfano da Fantasia» sobre «a nudez forte da Verdade» tem uma outra história, esta de caráter pessoal. Liga-se ela à experiência do escritor como viajante e à digressão que, ainda jovem, fez por terras do Egito e da Palestina. Muito do que ficou dessa jornada está projetado no texto d'*A Relíquia* e em abundantes e quase sempre saborosas notas de viagem, muitas delas deixadas inéditas. Na época, estava ainda bem viva uma sensibilidade romântica que não resistia ao forte apelo das origens do Cristianismo,

nos lugares exóticos que foram o seu berço. Eça não desprezou esse apelo.

A história literária d'*A Relíquia* envolve também as reações que a burlesca história de Teodorico Raposo provocou no Portugal conservador, sisudo e beato da época. A polémica do escritor com Pinheiro Chagas, por causa do prémio da Academia Real das Ciências de Lisboa, é um testemunho eloquente da incomodidade que o quase blasfemo romance provocou, na cena cultural portuguesa. Uma incomodidade que, evidentemente, era acentuada pela corrosiva ironia queirosiana, levada ao extremo neste texto.

Em vida de Eça de Queirós, *A Relíquia* teve duas edições em livro e uma publicação na imprensa, mais propriamente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Este era um procedimento corrente na época — ou seja, a inserção num jornal brasileiro, pouco antes ou em simultâneo com a edição em livro —, por razões que a introdução, que adiante pode ler-se, circunstanciadamente explica. Para além disso, a 2.^a edição não terá conhecido, quase seguramente, a intervenção direta do escritor, sempre desejoso, como se sabe, de voltar sobre textos publicados e de reescrever (e corrigir e voltar a corrigir...) o que fora publicado. Coisa que, evidentemente, perturbava o calendário dos editores e os respetivos interesses comerciais.

Tal como aconteceu com outros títulos desta série editorial, a edição crítica d'*A Relíquia* decorre do trabalho conjugado de dois investigadores. Neste caso, o autor desta nota prefacial contou com a colaboração de Maria Eduarda Borges dos Santos, uma estudiosa com provas dadas no campo dos estudos queirosianos; atesta-o bem a sua tese de doutoramento, intitulada *Da Identidade Feminina na Ficção Portuguesa de Oitocentos: Voz(es) de Mulher, Perspetiva(s) de Autor*, defendida na Universidade de Salamanca, em 2012, bem como diversas publicações em revistas e em atas de congressos. À edição crítica d'*A Relíquia* trouxe Maria Eduarda Borges dos Santos o rigor, a concentração e a ética da responsabilidade que distinguem os verdadeiros investigadores.

Por fim, reitera-se o que foi feito noutros textos prefaciais desta coleção, ou seja, expressar o agradecimento do coordena-

dor desta série editorial à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a quem preside aos seus destinos e a quantos nela vêm tornando possível, com o seu labor, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Sem essas vontades e sem o sentido patrimonial que nelas transparece, seria muito difícil fazer avançar e levar ao seu termo este projeto.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	17
1. <i>A RELÍQUIA</i> EM CONTEXTO ANTICLERICAL	17
2. HISTÓRIA LITERÁRIA E GÊNESE D' <i>A RELÍQUIA</i>	26
3. A PUBLICAÇÃO D' <i>A RELÍQUIA</i>	45
4. OS COMEÇOS DA FORTUNA CULTURAL D' <i>A RELÍQUIA</i>	60
5. CRITÉRIOS EDITORIAIS	69
TEXTO CRÍTICO	73
A RELÍQUIA [PRÓLOGO]	75
[CAPÍTULO] I	79
[CAPÍTULO] II	129
[CAPÍTULO] III	177
[CAPÍTULO] IV	257
[CAPÍTULO] V	275
<i>Notas biobibliográficas</i>	313

O romance *A Relíquia*, publicado pela primeira vez em 1887, ocupa um lugar singular na produção literária queirosiana. Estamos perante uma obra que se situa na linha da literatura e do pensamento anticlericais, muito férteis no século XIX, e que diretamente se relaciona com as resistências e com as contradições que a laicização da vida pública portuguesa enfrentou, desde o advento do Liberalismo. Por isso, a história do texto, no caso d' *A Relíquia*, não pode deixar de contemplar esta que é uma questão com larga tradição na cultura portuguesa.

O relato em que Eça quis pôr «o manto diáfano da Fantasia» sobre «a nudez forte da Verdade» tem uma outra história, esta de carácter pessoal. Liga-se ela à experiência do escritor como viajante e à digressão que, ainda jovem, fez por terras do Egito e da Palestina. Muito do que ficou dessa jornada está projetado no texto d' *A Relíquia* e em abundantes e quase sempre saborosas notas de viagem, muitas delas deixadas inéditas. Na época, estava ainda bem viva uma sensibilidade romântica que não resistia ao forte apelo das origens do Cristianismo, nos lugares exóticos que foram o seu berço. Eça não desprezou esse apelo.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

